

QUARTA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL: INDÚSTRIA 4.0 E BIG DATA

FREITAS, Joelma Maria de¹ (mhellzynha89@gmail.com); **GOMES, Geovane Ferreira**² (geovane@terra.com.br);

¹Discente do curso de Ciências Sociais – UEMS – Paranaíba;

²Docente do curso de Ciências Sociais – UEMS – Paranaíba.

Esse projeto busca investigar a chamada Indústria 4.0 e o Big Data, elementos da chamada nova onda tecnológica e que aqui abrigamos sob o nome “Quarta Revolução Industrial”. Esses processos, como as revoluções industriais anteriores, têm o potencial de alterar a divisão internacional do trabalho e o fluxo de riqueza no planeta. Se na Terceira Revolução Industrial, a da informática, a Ásia surge como novo ator econômico enquanto a Europa perdeu protagonismo tecnológico e econômico, surge a questão de avaliar quais as possibilidades que essa nova era tecnológica apresenta na divisão internacional do trabalho, especificamente, as oportunidades e riscos para o Brasil como agente econômico. Esse projeto apresenta uma análise histórica do conceito de divisão do trabalho a partir da Primeira Revolução Industrial, avalia a emergência dos atores em cada período, apresenta os rudimentos da Quarta Revolução Industrial e apresenta as consequências possíveis de um evento dessa magnitude no Brasil. Como referências, a análise histórica será feita a partir de autores clássicos da economia e do pensamento social, como Adam Smith, David Ricardo, Karl Marx, Max Weber e Raul Prebisch. A análise das possibilidades se baseará nos textos contemporâneos de Thomas Piketty – “O Capital no Século XXI”, e Daron Acemoglu e James Robinson – “Why Nations Fail. Como resultados preliminares apontamos: 1) que o processo tem sido puxado globalmente pela Alemanha, sendo seguida por China e Estados Unidos; 2) um atraso por parte do Brasil na questão educacional, o que poderá nos deixar fora desse processo global, o que poderia aumentar a desigualdade no país; 3) o esforço por parte de instituições nacionais como a CNI na tentativa de acelerar esse desenvolvimento; 4) manutenção em parte da atual divisão internacional do trabalho, a qual relegaria o Brasil a mero exportador de commodities no comércio internacional e; 5) re-entrada da Europa, por meio da Alemanha, como ator industrial após sua perda de importância na Terceira Revolução Industrial a qual foi, na etapa industrial-produtiva, dominada pelos asiáticos e, na área de desenvolvimento, pelos Estados Unidos.

Palavras-chave: Tecnologia, Divisão Internacional do Trabalho, Desigualdade.

Agradecimentos: À UEMS pela concessão de bolsa de estudos à primeira coautora.



Realização:

UFGD
Universidade Federal
da Grande Dourados

UEMS
Universidade Estadual
de Mato Grosso do Sul

Parceiros:

CAPES

CNPq
Conselho Nacional de Desenvolvimento
Científico e Tecnológico